O DEMOCRATA

AVENÇADO

ANO 40.º | Sábado, 3 de Janeiro de 1948 | N.º 2026

VISADO PELA CENSURA

Semanário Republicano de Aveiro

Redacção e Administração
Rua de Santa Joana, 35
Comp. e Imp.—IMP. UNIVERSAL-AVEIRO
R. Combatentes da G. Guerra—Telef. 125

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto *Agência Hava*

Coisas dos jornais e coisas locais

POVO E CIDADE ATÉ AO ANO 2.000

Pelo Dr. Alberto Souto

No artigo antecedente, intitulado *Demografia e Urbanização*, procurei apurar mais os dados do problema demográfico que anteriormente esboçara, e fazendo uso do maior número de probabilidades em jogo, admiti a possibilidade de, neste fim do ano de 1947, a cidade de Aveiro contar 12.250 habitantes.

Consequentemente pronunciei-me contra a hipótese de existência de uma população de 15.000 habitantes. Para estes cálculos, ou melhor, para estas conjecturas pois se trata mais de conjecturas baseadas em números do que de cálculos rigorosamente matemáticos, o número 15.000 não era nem um obstáculo insuperável, nem, tão pouco uma dificuldade ou um embaraço.

A cidade tem espaço disponível bastante para 30.000 a 50.000 habitantes, empregando os tipos usuais da construção urbana, sem penoso amontoamento de prédios nem anti-higiénica e anti social acumulação de pessoas e sem necessidade de exceder muito os paralelos geográficos dos seus limites actuais e algum campo imediatamente adjacente. A questão está em se aproveitar o espaço e em se evitar a dispersão.

Aplicando o coeficiente de crescimento demográfico de 12, de Vilfredo Pareti, a população de 1947 deve duplicar, se progredir num desenvolvimento normal, lá para os anos de 1993-1994, isto é, seis anos antes do ano 2.000.

Se a população de hoje fosse de 15.000 habitantes e não houvesse perturbações fisiológicas nem sociais, nem exaltações anormais de crescimento, nem crises depressivas, em 1995 Aveiro deveria contar 30.000 habitantes, isto é, mais 5.000 pessoas do que teria pela probabilidade de duplicação, ao mesmo ritmo, da população de 12.250 que lhe atribuo.

Para avaliar o espaço, utilizo, além da ampliação das cartas da Geodesica das escalas de 1:100.000 e 1:50.000, a magnífica planta topográfica na escala de 1:7.500 desenhada pelo Instituto Geográfico e Cadastral para o *Guia de Portugal*, de Raul Proença.

Aveiro, sem necessidade de recorrer às agras da Presa, de Vilar e do Lila, pode dispôr de espaço bastante para esses 15.000 habitantes.

Mas para um estudo desta natureza, é preciso fixarmo-nos em um número base e o número que para tal adoto, é o já justificado número de 12.250, como sendo o que me parece mais aproximado da realidade demográfica presente, deduzida da realidade demográfica de 1940.

Como realidade demográfica local em 1940 tomo a que consta do *Censo Geral da População* desse ano, posteriormente publicado.

O censo de 1940 separou a população da cidade, propriamente dita, das aldeias das respectivas freguesias em que a cidade se divide, o que não acontecia nos antigos censos que por esse facto nos induziam em erro grave.

Ora pelo censo de 1940 nós verificamos que a freguesia da Vera-Cruz tinha, dentro da cidade, 6.711 habitantes e 137 no lugar da Fôrca, 289 na Presa, 51 na Quinta do Gato, 798 em S. Jacinto. A freguesia da Glória contava: dentro da cidade 4.536, na Presa e Patela 207, na Quinta do Gato 284, em S. Bernardo 1.625, em S. Tiago 189 e em Vilar 530.

Dentro da cidade havia, pois, sòmente 11.247 habitantes, distribuidos por 2.743 fogos, com 494 convivencias.

O número médio de pessoas de família era de 4,3, como, aliás, em todo o distrito.

Em todo o concelho havia 8.941 prédios urbanos, com 7.846 moradias e 515 inquilinos. Os fogos eram 9.240, sendo 456 com 2 divisões, 795 com 3 e 4 divisões, 3.182 com 5 a 7 divisões, 1.015 com 8 a 12 divisões, 193 com 13 a 20 divisões, 34 com 21 a 50 divisões e apenas 2 com 51 divisões.

No concelho, ainda, havia 6.910 prédios de um só andar; 1.794 de 2 andares; 283 de 3 e 4 andares e 2 prédios com 5 andares.

A densidade da população no concelho era de 170,9 habitantes por quilómetro quadrado.

Esta densidade, num concelho rural como o de Aveiro, é das mais elevadas da Europa.

Não admira, pois que só a visinha freguesia rural de Aradas com menos de 10 quilómetros quadrados de superfície, contava, em 1940, 3859 habitantes, numa densidade verdadeiramente espantosa de 386 por quilómetro quadrado.

A cidade tinha 11.247 habitantes e é isso que nos interessa agora para os raciocínios que estamos conduzindo.

* * *

Há uma lei geral de decrescimento fisiológico ou de diminuição de nascimentos nos centros de grande civilização que se chama a *lei do Maine*. Não a devemos perder de vista porque ela é como que uma lei travão do desenvolvimento fisiológico da população dos grandes centros.

Em Lisboa e Porto, apesar do aumento muito notável da população de facto, o crescimento fisiológico é exíguo.

Em Aveiro ao poder aumentativo das obras portuárias temos de contrapôr também, pelos progressos que se esperam, a acção regressiva da *lei do Maine* e, por tal, não alteraremos os cálculos baseados na duplicação populacional em 1944, ou quando, praticamente, faltar um lustro para o século XXI. Aveiro contará, então, provavelmente, 25.000 habitantes.

Se a reunião do Conselho Municipal que teve lugar no dia 14 de Novembro último, se tivesse realizado antes do sr. arquitecto Moreira da Silva ter iniciado os seus trabalhos, isto é, se a Câmara tivesse convidado os seus munícipes ou alguns deles a apresentarem ideias, alvitres, sugestões, razões, estudos, para o sr. arquitecto urbanista ouvir, anotar, considerar, discutir e aceitar ou não, eu teria apresentado a minha ideia, já antiga, de se delinear um sistema triangular de avenidas centrais que constituiria o fulcro da cidade nova dentro da cidade actual.

Esse sistema importava o traçado de uma rotunda entre os Guardas e as Olarias onde iriam convergir as duas grandes estradas do sul ou sejam as estradas de S. Bernardo, Oliveira do Bairro, Coimbra, Lisboa, e a estrada que se bifurca pela estrada de Arada—Bairrada—Cantanhede e pela de Verdemilho, Ilhavo, Mira, Figueira, Lisboa.

Dessa rotunda desceria uma avenida pela frente do novo Liceu e entre o Museu e a Sé, aproveitando alguma coisa da Corredoura, a entroncar na Avenida Lourenço Peixinho.

Outra Avenida iria da mesma rotunda à Estação do Caminho de Ferro onde encontraria a actual Avenida Central.

Estas duas Avenidas ou boas ruas ou outras equivalentes teriam um desenvolvimento total de cerca de 1.800 metros.

Duplicando-se estes 1.800 metros em virtude de cada rua ter duas faces, e tirando 300 metros para transversais e pontos mortos, ficariam uns 3.300 metros lineares para frente de construções habitacionais.

Tresentos e trinta prédios de 10 metros de frente, ou blocos de prédios equivalentes, tinham aí cabimento.

Dando a cada prédio um mínimo de dois andares, e sem necessidade de elevar todos os prédios a alturas de terceiros, quartos e quintos andares, nós teríamos, com o rez do chão respectivo de cada prédio, mil lugares para outros tantos fogos ou habitações.

Cêrca de 1.000 famílias ali se poderiam instalar. Estas duas ruas novas comportariam uma população de 5.000 pessoas. Descontemos 50 andares terreos para estabelecimentos ou pequenas oficinas e ainda nos ficaria alojamento para 4.750 pessoas ou para mais de um terço de tôda a população nova prevista em 45 anos.

Subindo-se um andar mais em 50% dos prédios, teríamos a compensação para os prédios unifamiliares ou para um aumento de 700 pessoas.

A área ocupada por estas ruas, se tivessem a largura de 20 metros, seria de 3,6 hectares. O terreno lateral para construções de prédios com 20 metros de fundo, ocuparia 7,2 hectares.

Com 11 hectares de terreno, Aveiro realizava esta obra e criava um sistema capaz de receber 5.000 pessoas de um nível de vida correspondente às classes de burgueses, funcionários e empregados dos grémios, professores e profissões liberais de hoje.

Mas aqui ou ali podem construir-se blocos isolados ou associados.

Um hectare de terreno é suficiente para um bloco arejado e airoso, e com ruas próprias, capaz de prestar alojamento a mais de 100 famílias ou a 500 pessoas, sem necessidade de se subirem todos os prédios ao terceiro andar.

Pensemos agora nos bairros populares.

Em dez hectares de terreno instalavam-se bairros de casas próprias para famílias de 4,3 a 5 pessoas ou pequenos blocos espaçados para 2.500 a 3.000 pessoas.

E penso só em 2.500 a 3.000 porque creio que na segunda metade deste século, diminuirá muito a diferença de nível entre as classes populares e as burguesas.

Aveiro gastaria nestas construções 32,6 hectares.

Empregariamos 10 hectares para largos e jardins e para obras sociais e colectivas.

Reservemos mais 10 hectares para ampliações imprevistas e casas residenciais unifamiliares.

Ao aproximar-se o ano 2.000 da nossa era, Aveiro ainda poderia dispor de mais de 30 hectares de terreno para as práticas mais ou menos agrícolas que hoje a ocupam, ou para mais habitações, visto que se podem contar 80 a 100 hectares de lavradios e quintarolas no seu seio e nas suas ilhargas de cidade em grande parte alongada e dispersa, perdularia de espaço e parca de população.

No sistema de ruas, blocos e bairros que apresentei como exemplo e como possível, ou noutro equivalente, como certamente será o do sr. arquitecto Moreira da Silva, o terreno não falta em Aveiro actual para as necessidades de urbanização durante o novo século próximo de feliz e próspero desenvolvimento que todos lhe desejamos.

Se faltasse o espaço, mas êle só pode faltar depois do ano 2.000, então, seguia-se o caminho indicado pelo sr. arquitecto urbanista: os campos de Vilar, da Força, de S. Tiago, da Estrada de Ilhavo, do Lila, de Esgueira, do Sol Posto.

Mas julgo que antes de mais nada a cidade deve concentrar se pelo aproveitamento a fundo dos espaços imediatos à sua actual concentração.

Viria depois a expansão. Para tudo há terreno.

Assim a progressão demográfica não falhe e não faleçam os recursos, porque para a realização do plano construtivo teórico que apresentei ou de outro de resultados análogos, serão precisos, sempre, não apenas uns milhares de habitantes activos e varonis, vivendo uma vida mais ou menos equilibrada e desafogada, mas, também, algum dinheiro para expropriações, compras livres e edificações e aparelhagem de pavimentos, águas, esgotos, electricidade, telefones etc.

E o dinheiro necessário a todo este progresso deve ser do valor correspondente ao de alguns bons centos de milhares de contos da moeda actual.

* * *

Correrá tudo, assim, pelo melhor? Com o seu crescimento fisiológico, devido ao seu vigor físico e moral, dará o Povo aquele rendimento de nascimentos necessário a sobrepujar a ceifa da morte, a vencer a *lei do Maine* ou da esterelidade progressiva dos grandes centros e a obter-se um saldo parecido com o das populações rurais da Beira-Mar?

Terá a cidade uma feliz e próspera economia e criará condições atractivas de trabalho fecundo e remunerado e de bem estar e confôrto que lhe aumentem a população com novas e contínuas adições estranhas?

Seguirá tudo conforme o paradigma exposto de um crescimento médio de 12 por mil no próximo meio século?

Apesar de muito confiante nos progressos locais, eu julgo serem demasiadamente optimistas os cálculos que desenvolvi segundo a aplicação do coeficiente médio de crescimento demográfico de 12 por mil.

Este estudo, porém, não estava feito e havia toda a conveniência em fazer-se numa base qualquer que não fosse muito distante das realidades actuais e das probabilidades e possibilidades do futuro.

Ele representa o meu voluntário contributo para que em matéria de política urbanizadora, se realise o melhor possível dentro do que parece ser o mais económico e o mais razoável: aproveitar o que está, melhorar o que já possuimos; construir de novo o que nos falta, utilizando, ao máximo, e gradualmente, os terrenos vazios no centro da cidade, condensando esta em si e nas suas imediatas proximidades.

Temos pano para mangas. Nem precisamos de deitar tudo abaixo, nem precisamos de ir para muito longe. Dispomos de terreno bastante para meio século de prosperidade e de crescente urbanização.

Natal e Ano Novo

Decorreram estes dias festivos a que as características *entregas dos ramos*, só usadas em Aveiro, davam realce e animação, sem tudo isso que movimentava a cidade e era sempre esperado ansiosamente pelos novos e velhos acostumados a essas antigas manifestações em que tanto predominava a alegria nas ruas como nos lares.

Bons tempos. É que a gente andava mais ligada pelo coração, não havia tanto egoísmo e a sociedade era outra.

União Nacional

A Comissão Executiva deste organismo remodelou ultimamente a Comissão Distrital de Aveiro, que ficou assim composta:

Presidente, coronel Gaspar Inácio Ferreira; vice-presidente, dr. João Carlos de Assis de Meneses e Castro Pereira de Melo; secretário, dr. Arménio Martins; vogais, eng. agrónomo Armando Vilaça e dr. João Raposo.

Que velocidade!

Dois telegramas bateram, na vespera do Natal, o *record* de Aveiro a Lisboa. Partiram de cá, um às 18 e 7 e outro às 18 e 17. Pois foi tal a rapidez que chegaram ambos ao mesmo tempo, sendo entregues na morada dos destinatários no dia 26, às 12 horas e 30 minutos! Quási dois dias de demora, quando um combóio se faz o trajecto em três horas e meia, aproximadamente, quando é rápido, ou dez horas quando anda mais devagar.

Verdadeiramente assombroso!

Missa de sufrágio

Efectuou-se na segunda-feira a do 7.º dia por alma de João Rodrigues Testa, cuja morte, como dissemos, foi muito sentida tanto nesta cidade como nos meios piscatórios onde o extinto gosava de gerais simpatias, das maiores afeições. E' que João Testa possuia um coração diamantino, além de outros predicados, sendo sem conta os actos de altruismo que praticou durante a vida e são lembrados agora com lágrimas nos olhos por aqueles a quem beneficiaram.

A nós deixou nos imensas saudades. Por via, talvez, dos nossos encontros serem sempre revestidos de certo humorismo, a que ambos nos entregávamos de longa data.

Augusto Lopes

Morreu no domidgo, em Coimbra, êste considerado negociante daquela praça, fundador e proprietário da conhecida e afreguesada *Casa das Lãs*, da Rua Visconde da Luz.

Figura simpática e insinuante, cuja robustez física lhe dava um aspecto de quem tinha na sua frente muitos anos de vida, a sua existência, contudo, não passou dos 59, pelo que deixa consternados, além da família, que tanto o estimava, os numerosos amigos que o rodeavam, com êle conviviam e lhe eram dedicados. Também fomos dos que pertenceram ao número destes e por isso quando a notícia nos caíu de chofre sôbre a mesa de trabalho o coração já tão avariado com abalos de toda a ordem, não deixou de sentir a agudeza do choque de harmonia com a sua sensibilidade.

Realizou-se o funeral do sr. Augusto Lopes na segunda-feira de tarde com grande acompanhamento para o Cemitério da Conchada, relatando os jornais que tomaram parte nele representantes do comércio e da industria em elevado número bem como muitas outras pessoas de diferentes categorias sociais. Da chave da urna foi portadar o sr. Ivo de Jesus Lopes, irmão do extinto, tendo em casa deste sido recebidos muitíssimos telegramas de condolências, pela viúva e filho, sr.ª D. Mariana Ferreira Lopes e Augusto Ferreira Lopes, a quem daqui igualmente acompanhamos na sua dôr, tornando extensivos ainda à de mais família enlutada os nossos sentidos pêsames.

SE AQUILO QUE A GENTE SENTE

se pudesse dizer sem peias, decerto não haveria companhias teatrais que tanto abusassem do público, impingindo-lhe gato por lebre...

Ás vezes, é demais...

Falta dum sinaleiro

Junto ao Jardim Público, onde em tempos um sinaleiro prestou óptimos serviços, devido ao grande movimento de veículos que ali se nota, estiveram há pouco iminentes alguns desastres, que só por milagre não se registaram.

Um sinaleiro ali impõe-se como toda a gente o reconhece assim como a colocação de mais placas indicativas do trânsito, evitando assim que os condutores, por vezes, andem às aranhas, como já tem acontecido.

Quem dá providências?

VIDA MILITAR

Ascendeu ao posto de tenente o nosso amigo Filipe Monteiro, que continuará a pertencer à guarnição militar dos Açores.

Felicitâmo-lo.

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: hoje, as srs.as D. Lígia Patoilo Cruz, bibliotecária da Câmara Municipal de Coimbra, e D. Maria Amélia de Melo Moreira, filhas, respectivamente, do sr. António Simões Cruz, sócio dos Armazéns de Aveiro, L.a, e da sr.a D. Ilda de Melo Moreira, proprietária da Casa Moreira; os srs. dr. Joaquim Henriques, hábil clínico, Luís Rezende Génio de Lima, filho do sr. tenente Barata de Lima, comandante da Secção da Guarda Fiscal da Figueira da Foz, e o inocente Joaquim Manuel, filho do sr. Manuel Pedro Ferreira; no dia 5, a sr.a D. Rosa Lima, veneranda mãe do sr. eng. Mateus de Lima, e os srs. Reinaldo Neto de Sousa, escrivão de Direito em Penafiel, e dr. José Guilherme Mieiro de Campos, médico em Mossâmedes (Africa Ocidental); em 5, as srs.as D. Rosa de Oliveira Lemos e D. Bebiana Rezende Vieira, esposas, respectivamente, dos srs. Abel de Lemos, ausente em Cassequel (Angola) e Francisco das Neves Vieira, sargento de Cavalaria; os srs. coronel Gaspar Ferreira, presidente da Junta Autónoma da Ria e Barra, e dr. Manuel Soares, considerado clínico; a sr.a D. Maria Isolete Pinto e o menino João Adalberto Lopes Brites, filhos, respectivamente, dos srs. Alberto Vaz Pinto e João Baptista do Amaral Brites, ambos 1.os sargentos do Exército; em 7, a sr.a D. Fernanda de Castro Pina, esposa do sr. Henrique Pina e filha do nosso velho amigo dr. Joaquim A. de Azevedo e Castro, juiz-conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça; em 8, a menina Dalila Ala dos Reis, filha do farmacêutico sr. Domingos dos Reis Júnior, e em 9, os srs. Abel Durão, filho do sr. tenente Júlio Durão e Manuel Teixeira de Sousa, ausente na Beira (Africa Oriental).

Casamentos

Na igreja de S. Gonçalo efectuou-se quarta-feira, o consórcio da sr.a D. Maria Júlia Nogueira de Almeida, interessante filha do sr. Júlio Eduardo da Almeida, residente no Porto, com o sr. António da Silva Teixeira Robles, agente técnico de engenharia.

Apadrinharam o acto os pais dos nubentes, sendo o copo de água servido na residência dos tios da noiva, o sr. João Henriques de Carvalho Júnior e esposa, com quem vivia nesta cidade.

Aos recem-casados, que partiram em viagem de núpcias para o norte, desejamos um futuro venturoso

—Pelo sr. Joaquim Santos, digno presidente da Junta de Freguesia de Paços de Brandão, foi pedida para o sr. Firmino Francisco da Costa, proprietário daquela localidade e gerente da firma Sousa & Irmão, de Espinho, a menina Marília Dulce Adão, prendada filha do sr. Luís Pinto Adão.

O enlace realiza-se brevemente.

Gente nova

No Hospital deu à luz uma menina, após um parto laborioso, a sr.a D. Isabel Maria Campos de Sá, esposa do médico sr. dr. José Mário de Santo António Barros e Sá e filha do sr. capitão António Campos. Que a felicidade a bafeje.

Partidas e Chegadas

Durante as férias do Natal estiveram, também, nesta cidade os srs. dr. Francisco do Vale Guimarães e Manuel Mendes Leite Machado, funcionários superiores dos C. T. T. na capital; tenente de marinha Manuel Branco Lopes, igualmente em serviço naquela cidade; os srs. Duarte Bunhão, aspirante de Finanças em Mondim de Basto e esposa; Custódio Marques Pitarma, industrial de panificação em Sacavem e tenente-coronel João Pereira Tavares, 2.º comandante de Infantaria 14 (Viseu); e a sr.a D. Justina Vital, professora em Barrô (Agueda).

—Seguiu com a família para Vendas Novas, onde foi colocado, o alferes Manuel Deus da Loura.

—Também deixou Aveiro o alferes Augusto Soares Pinheiro, que no Mousinho segue com destino a Lourenço Marques (Africa Oriental) e a quem desejamos feliz viagem.

Atenção para a 4.ª página

Na Roménia

Tendo abdicado o rei Miguel, o Parlamento, reunido em sessão extraordinária para ratificar a abdicação, aprovou por unanimidade uma lei que proclama a República.

Mais uma.

Iluminação pública

Dizem-nos do Bairro Ferroviário que afinal as duas lampadas que lá foram postas, só beneficiam um morador por o resto da população, já numerosa, continuar às escuras como dantes.

Que lhe havemos nós de fazer?

O TEMPO

E digam lá que o *Borda d'Agua* não é infalível! Dava chuva por ocasião da lua cheia, no último sábado, e antes de chegarmos à meia noite começaram a cair os primeiros pingos do Céu, com regosijo dos sequiosos que ainda a essa hora andavam na rua. E continuou no domingo, na segunda-feira e na terça, mas de repente parou para prosseguir a estiagem.

Estamos arranjados.

Pequenos cantores

De passagem por esta cidade, apresentou-se no Teatro Aveirense um grupo de pequenos artistas franceses, filhos de operários pobres e que andam por algumas capitais a realizar concêrtos orfeónicos demonstrativos da sua cultura e educação, patrocinados pelo Bispo de Nice.

Foi bastante apreciado, assistindo dum camarote o prelado da nossa diocese.

Albergue de Mendicidade

Com os votos muito sinceros de Feliz Ano, a Comissão Administrativa do Albergue apresenta a todos os benfeitores da Casa de Caridade que dirige, os protestos de maior gratidão pelo auxílio que se dignaram prestar aos pobres reconhecidos.

A COMISSÃO ADMINISTRATIVA

Como se viaja

O que vamos escrever não é novo, decerto, para os leitores, que, como nós, têm de vez enquando de dar um saltinho no nosso país.

Nem tão pouco vamos falar dos caminhos de ferro. Queremos, apenas, dar uma pálida ideia do que é viajar numa camionete dessas das carreiras, quando alguns dos senhores passageiros pensam que o carro é só para si. Não podemos deixar de lavrar o nosso protesto contra essa gente. Se quer um carro só para si, alugue um bom automóvel, porque quem paga o seu bilhete de passagem tem o direito de ocupar o seu lugar sem prejudicar os visinhos, mas também não quer ser prejudicado. E' assim que manda a boa educação, e é assim que todos, em geral, deviam proceder.

Ainda quando se trata de uma criança, admitimos que se ceda o lugar para ir à janela ou que se leve de vez em quando um *pontapézito*; agora que uma senhora entre para um carro de passageiros com um cachorro ao colo, um *lulu*, para prejudicar quem tenha a infelicidade de se sentar ao seu lado, é que não está certo. Os referidos carros fizeram-se para conduzir passageiros e não animais.

Se as pessoas já procuram os referidos veículos para irem um pouco mais à vontade, pagando, por isso, um preço mais elevado, porque motivo não as deixam ir descansadas? Lá porque o cão é o maior amigo do homem, a verdade é que será sempre um quadrúpede irracional. Que essas senhoras e alguns senhores tenham verdadeiro carinho aos ditos animais, não somos contrários; apenas o que pedimos é para que sejam colocadas as coisas nos seus devidos lugares. E quem não estiver de acordo com o que escrevemos, que continue a viajar com os seus *tótózinhos*, mas que deixem os outros em paz.

Não escrevemos isto pelo facto de sermos inimigos dos animais, pois errado anda quem assim pensar. Com o que não concordamos é que os seus donos os coloquem em sítios que prejudiquem.

Este nosso protesto vem a propósito do que vimos, há dias, num desses auto carros de determinadas carreiras, onde duas senhoras com os seus cãesinhos fizeram tal sorte de tropelias que parecia que o carro tinha sido alugado só para elas e... seus *tótós*.

Pena temos de não sabermos os nomes das tais amiguinhas para prevenirmos os leitores, visto sempre termos ouvido dizer que homem prevenido vale por dois...

ANTÓNIO CORREIA

O Democrata vende-se no *Estanco Flaviense*, Rua dos Mercadores.

Club dos Galitos

Foram eleitos os novos corpos gerentes para o corrente ano, ficando assim constituídos:

ASSEMBLEIA GERAL

EFECTIVOS

Presidente, dr. Jaime Dagoberto de Melo Freitas; *1.º secretário*, José Vieira de Oliveira Barbosa *2.º*, Raúl Soares Nobre.

SUBSTITUTOS

José Duarte Simão, Artur Raúl Cunha e Henrique Amaro Lemos.

CONSELHO FISCAL

EFECTIVOS

Presidente, Francisco Ferreira da Encarnação; *vogais*, Alberto de Oliveira Carvalho e Adelino Duarte Cardoso.

SUBSTITUTOS

Alberto Casimiro da Silva, Manuel da Silva Félix e Pompeu de Melo Figueiredo.

DIRECÇÃO

EFECTIVOS

Presidente, José de Pinho; *tesoureiro*, Aníbal Migueis Picado; *secretário*, Joaquim de Deus Marques; *vogais*, António Maria Borrêgo, Mário Gonçalves Andias e Luís da Silva Perpétua.

SUBSTITUTOS

Remígio Sacramento, Adelino Pinto, Amadeu Ala dos Reis, Hermenigildo Meireles, Jaime Figueiredo e Mário Sequeira Belmonte.

Pulseira de ouro

estilo antigo, readilhada, perdeu-se no dia 31 de Dezembro, desde o Largo Espírito Santo até à Rua do Gravito. Gratifica-se quem a achou e a entregue nesta Redacção.

Secção Desportiva

Futebol

Beira-Mar 3 — Espinho 4

No Estádio Mário Duarte os espinhenses venceram, no domingo, o *team* local, por 4-3, tendo o jogo decorrido sem incidentes de maior.

Sim; por que a moralidade tem que entrar nos campos de jogos custe o que custar.

OFERTA AOS NOSSOS LEITORES

Do editor Manuel B. Calarrão, de Lisboa, recebemos o caderno N.º 17 da sua edição, *Colecção Ópera*, dedicado à obra do maestro Rossini—*O Barbeiro de Sevilha*. Esta colecção, que é dirigida pelo distinto musicólogo Mário de Sampaio Ribeiro, apresenta-se impressa em bom papel e boas gravuras. Além do argumento extraído da própria partitura (que constitui uma agradável novela) publica ainda o caderno vários dados de interpretação, cronológicos e biográficos, sendo um explêndido elemento de cultura e de divulgação musical. O seu preço é bastante módico pois cada caderno custa apenas 4$00.

Aos nossos leitores que queiram conhecer esta edição oferece o editor um exemplar gratuito, desde que façam o pedido para Manuel B. Calarrão—Apartado 485—Lisboa.

« O Democrata »

ASSINATURAS

(Pagamento adiantado)

Portugal (Ano)	30$00
Semestre	15$00
Colónias (Ano)	30$00
Estrangeiro (Ano)	40$00
Número avulso	$60

ANÚNCIOS

Mais duma publicação, contrato especial.

Aos anunciantes de "O Democrata,"

A quem tiver de anunciar nas colunas deste jornal roga-se a fineza de enviar à Redacção os respectivos originais, o mais tardar até ao meio dia de quinta-feira, a-fim-de evitar atrazos na sua confecção, visto ter horas certas de entrar na máquina e de ser enviado, depois de impresso para o correio.

Atenção, pois, srs. anunciantes

Agradecimento

José de Sousa Lopes

Missa do 1.º aniversário

Sua viúva e família participam que será rezada missa no dia 6 de Janeiro, ao meio dia, na igreja da Misericórdia, sufragando a sua alma.

NECROLOGIA

Surpreendeu-nos, também, esta semana a notícia do falecimento, em Espinho, onde há muito residia, do nosso velho amigo e companheiro do liceu desta cidade, dr. Carlos Luís Ferreira (Lagos) filho do abastado proprietário de Albergaria, Visconde dos Lagos, e aparentado, por isso, com uma das mais ilustres famílias da região.

Sentimos. Sendo mais outro que enfileirou no número de tantos que já nos precederam na longa viagem para a Eternidade.

Relatório do Intercâmbio-Escolar

—o—

Um pouco mais tarde do que nos anos anteriores mas com a data de 23 de Janeiro, recebemos o Relatório do movimento do Intercâmbio Escolar da Sociedade de Geografia, dando conta das permutas de correspondências em 1946.

Este trabalho, assinado pelo inspector J. V. Sólippa Norte, não inclui a estatística geral devidamente elaborada, pela simples razão dos Serviços carecerem de verba para a sua publicação, mas traz diversos mapas muito interessantes, que definem o grau de colaboração dos liceus, distritos escolares, escolas comerciais, industriais, de habilitação para o magistério e províncias d'Além-Mar, —totalizando em 31.015 cartas as permutas efectuadas em 1946.

Porto, Vila Real, Castelo Branco e Angra do Heroismo foram os Distritos Escolares que mais contribuiram para tão elevado número, pois o fizeram respectivamente com 8.959, 2.465, 2.281 e 2.108 cartas.

Por correspondência trocada com o Liceu Literário do Rio de Janeiro, vê se que a Sociedade de Geografia se prepara para estender os serviços do Intercâmbio do Brasil, com o objectivo louvável de aproximar os estudantes das duas Pátrias.

E' consolador verificar que até 31 de Dezembro de 1946, por intermédio da Sociedade de Geografia se havia trocado 128.153 correspondências inter-escolares.

Numa revista geral, o Relatório insere também uma notícia sôbre Exposições, ilustrando-a com alguns mapas por onde se vê que na última, denominada «Exposição Geral de Lavores e Trabalhos Manuais Educativos», se apresentaram 79.361 manufacturas a que a imprensa fez largas e elogiosas referências.

O Intercâmbio-Escolar é um admirável instrumento para estabelecer boas e amistosas relações entre os estudantes da metrópole e das colónias, e com elas está a Sociedade de Geografia a realizar um dos seus melhores e mais patrióticos serviços à comunidade e ao país.

Atenção para a 4.ª página

S. R.

CAMARA MUNICIPAL DE AVEIRO

RECENSEAMENTO ELEITORAL

EDITAL

Cipriano António Ferreira Neto, Chefe da Secretaria da Câmara Municipal de Aveiro:

FAZ SABER, nos termos e para os efeitos do art.º 10.º da Lei n.º 2.015, de 28 de Maio de 1946, que as operações do recenseamento dos eleitores do Presidente da República e da Assembleia Nacional para o ano de 1948, terão início no dia 2 de Janeiro próximo futuro e terminarão em 15 de Março do mesmo ano.

Podem inscrever-se como eleitores:

1.º—Os cidadãos portugueses do sexo masculino, maiores ou emancipados, que saibam ler e escrever português;

2.º—Os cidadãos portugueses do sexo masculino, maiores ou emancipados, que, embora não saibam ler e escrever, paguem ao Estado e corpos administrativos quantia não inferior a 100$00, por algum ou alguns dos seguintes impostos: contribuição predial, contribuição industrial, imposto profissional e imposto sobre aplicação de capitais;

3.º—Os cidadãos portugueses do sexo feminino, maiores ou emancipados, com as seguintes habilitações mínimas:

a)—Curso geral dos liceus;
b)—Curso do magistério primário;
c)—Curso das escolas de belas-artes;
d)—Cursos do Conservatório Nacional ou do Conservatório de Música do Porto;
e)—Cursos dos institutos industriais e comerciais.

4.º—Os cidadãos portugueses do sexo feminino, maiores ou emancipados, que, sendo chefes de família, estejam nas demais condições fixadas nos n.os 1.º ou 2.º.

5.º—Os cidadãos portugueses do sexo feminino que, sendo casados, saibam ler e escrever português e paguem de contribuição predial, por bens próprios ou comuns, quantia não inferior a 200$00.

Para os efeitos do disposto no n.º 4.º consideram-se chefes de família as mulheres viuvas, divorciadas, judicialmente separadas de pessoas e bens ou solteiras que vivam inteiramente sobre si.

A prova de saber ler e escrever faz-se:

a)—Pela exibição de diploma de exame público, feita perante a comissão que funcionará na sede da respectiva junta de freguesia;

b)—Por requerimento escrito e assinado pelo próprio, com reconhecimento notarial da letra e assinatura;

c)—Por requerimento escrito, lido e assinado pelo próprio perante a comissão referida no artigo 4.º, desde que no mesmo requerimento assim seja atestado, com autenticação por meio de sêlo branco ou a tinta de óleo da junta de freguesia;

d)—Pela respectiva declaração nos mapas enviados pelas repartições ou serviços a que se refere o artigo 13.º.

A prova do pagamento referido nos n.os 2.º, 4.º e 5.º faz-se:

a)—Pela exibição, perante a comissão de freguesia, dos conhecimentos respectivos, cujos números ficarão anotados no verbete ou processo individual do eleitor;

b)—Pela inclusão no mapa enviado pelo chefe da secção de finanças.

Ao marido se levarão em conta os impostos correspondentes aos bens da mulher, posto que entre eles não há comunhão de bens, e aos pais os impostos correspondentes aos bens dos filhos menores a seu cargo.

A prova das habilitações referidas no n.º 3 faz-se:

Pela exibição do diploma de curso, da certidão ou da pública forma respectiva, perante a comissão de freguesia, ou pela declaração respectiva nos mapas enviados pelas repartições ou serviços mencionados no artigo 13.º.

Não podem ser eleitores:

1.º—Os que não estejam no gozo dos seus direitos civis e políticos;

2.º—Os interditos por sentença com trânsito em julgado e os notòriamente reconhecidos como dementes embora não estejam interditos por sentença;

3.º—Os falidos ou insolventes, enquanto não forem reabilitados;

4.º—Os pronunciados definitivamente e os que tiverem sido condenados criminalmente por sentença com trânsito em julgado, enquanto não houver sido expiada a respectiva pena e ainda que gozem de liberdade condicional;

5.º—Os indigentes e, especialmente, os que estejam internados em asilos de beneficência;

6.º—Os que tenham adquirido a nacionalidade portuguesa, por naturalização ou casamento, há menos de cinco anos;

7.º—Os que professem ideias contrárias à existência de Portugal como Estado independente e à disciplina social;

8.º—Os que notòriamente careçam de idoneidade moral.

Todos os cidadãos com direito a voto poderão requerer a sua inscrição no recenseamento ao presidente da Comissão recenseadora, por intermédio das comissões de freguesia, e deverão mencionar, além do nome, o dia do nascimento, filiação, estado, profissão, habilitações e morada.

Quaisquer esclarecimentos, relativos à inscrição podem ser solicitados na Secretaria da Câmara Municipal todos os dias úteis, das 11 ás 17 horas, ou ás comissões de freguesia, durante as horas normais de serviço.

Para constar se publica o presente Edital e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares do estilo e publicados em dois jornais dêste concelho.

Aveiro, 27 de Dezembro de 1947.

(a) *Cipriano António Ferreira Neto.*

Aos nossos assinantes

Pedimos o favor de não deixarem devolver os recibos apresentados pelo correio, tendo em atenção o aumento de despeza que isso nos acarreta e bem assim o trabalho administrativo do jornal, que não é pequeno. Agradecemos.

Livros

O Bandido Chinês

Quem tiver lido *Sete para morrer*, de Harman Long, não poderá resistir à tentação de adquirir também *O Bandido Chinês*, do mesmo autor, que Editorial Gleba acaba de integrar na sua colecção «Novelas Policiais».

O autor é o mesmo e são as mesmas algumas das principais personagens que figuram nas duas citadas obras—o Major Keen; o inspector da Scotland Yard, Angus Mc Blain; Sandra Hughes, etc, —embora o enredo duma não tenha qualquer ligação com o da outra.

Já fizemos a devida referência à primeira, e nossa agradável impressão foi agora plenamente confirmada, senão ultrapassada, quando voltámos a última página de *O Bandido Chinês*.

Trata-se duma novela cheia de intersse, digamos até, modelar no género, onde a atenção do leitor vai aumentando, gradualmente, tal o imprevisto das situações e os lances teatrais que o autor nos põe diante dos olhos maravilhados.

O desfecho é desconcertante, embora seja absolutamente lógico, dado o valioso auxílio prestado ao Major Keen, principal investigador e perseguidor duma tenebrosa seita, pelo seu amigo Lawless, homem de passado pouco limpo mas que cultivava a amisade em alto grau, e que pôs em acção os seus punhos de aço e as suas prodigiosas faculdades de inteligência quando foi preciso capturar ou aniquilar os membros da quadrilha chefiada pelo *Bandido Chinês* que dá o nome a esta novela.

Correspondências

Costa do Valado, 1

Sobre a festa do S. Tomé nada há a dizer por a chuva, que no domingo começou a cair, ter impedido a sua realização. Só na capela houve missa cantada e sermão e à tardinha um reduzidíssimo arraial. Pois foi pena. Mas em Dezembro não se pode esperar outra coisa, mórmente quando a estiagem outonal se prolonga como este ano sucedeu.

Paciência.

—Acompanhada do seu filhinho, regressou de avião a Nova-York onde reside com seu marido, a nossa conterrânea Anunciação Lopes Maia, que veio aqui passar algum tempo de visita a seus pais.

Por notícias recebidas, sabemos ter feito magnífica viagem, o que estimamos.

—Seguiu também para Luanda o nosso conterrâneo Manuel Alvarenga, a quem desejamos felicidades.

—Está a fazer serviço nos escritórios da C. P. em Santa Apolónia o sr. Alvaro Pintão dos Santos.

—Chegou à sua casa de S. Bento o sr. Francisco Cardeal.

Cumprimentamo-lo.

—No Hospital de Águeda tem obtido sensíveis melhoras dos ferimentos recebidos a quando do atropelamento de que foi vítima na Mourisca do Vouga, o sr. Manuel Francisco Moita, pai do nosso assinante do Rio de Janeiro, sr. Manuel da Costa Moita.

—Festeja na segunda feira o seu aniversário natalício o nosso presado amigo José Nunes da Graça, a quem antecipadamente felicitamos.

C.

Horário dos combóios

Partidas para o norte	Partidas para o sul
5,27 (correio)	0,24 (correio)
5,55 (tram.)	7,43 (tram.)
6,54 (mixto)	9,19 (rápido) [1]
8,05 (tram.)	11,13 (tram.)
12,56 (rápido)	12,18 (correio)
13,06 (tram.)	15,41 (tram.)
17,24 (tram.)	19,28 (rápido)
19,25 (correio)	21,54 (mixto)
20,39 (tram.)	Do Porto chegam tram. às 10 10 e 21,07 que não seguem.
22,59 (rápido) [1]	

(1) Só se efectuam às terças, quintas-feiras e sábados.

Linha do Vale do Vouga

PARTIDAS	CHEGADAS
7,55	7,31
15,15	11
17,38	19,12
20	23